

vez em *louco* de *Glauco*. E provém de *bl* em *lastimar* transformação de blasphemare. O ital. *bestemmiare* foi influido seguramente por *bestia*.

Como final de sílaba seguida de consoante *l* passou a *r* em *pardo pallidu* e *urze* de *ulice* (influido por *erica*?), em *marmelo* (melimelu), *armazem* por *almazem* (arabe), *argola*, *argão*.

A *n* passou em *mortandade* mortalitate; *rondar* (rotular), *pondra*.

Fealdade de *feito* encostou-se a *lealdade*, etc., etc.

Quanto á representação de *l* palatizado por *lh* (e posteriormente de *n* palatizado por *nh*), ela veio da Provença com os escrivães de prelados franceses que na reconquista governavam as sés principais. Para distinguir *folha*, em latim da Idade-media *folia* de *folia*, eles ligavam por um traço horizontal o *i* atono ao *l* precedente *foll-ia*. Esse *l* parecia ser um *h*. Transcrito como tal, estava inventada a grafia *lh*.

Só em *the thes* de *illi illis* e no castelhano *lhano* (llaño) temos *lh* inicial; *negalho* por *legalho* ligaculu.

Nas Lições de Filologia Portuguesa de Leite de Vasconcellos ha uma sobre o *L* latino em português, p. 293-299.

de cronologia

III

Historia do fonema «n» em português

N é um fonema consonantico *dental-nasal* ou *nasal-dental*. *Dental*, por ser enunciado, colocando nós a ponta da lingua, o seu ápice, perto dos dentes; ou por outra, apoiando-a nas gengivas dos incisivos superiores. *Nasal*, porque para articular *n* abaixamos o véo palatino, fechando o tubo bucal, de sorte que a corrente de ar que dos pulmões sobe pelos bronquios á traqueia tem de procurar saída pelas cavidades nasais. Quanto ao resto, *n* é uma *continua* sonora, porque a sua emissão faz vibrar, pouco embora, as cordas vogais. Podemos prolonga-la e cantarolá-la. Mas essa *continua sonora dental nasal* é de pouca consistencia em português. Depois do *l*, que é a mais liquida, lábil ou móvel, das consonantes, vem logo o *n*.

Em português ele é tão exposto a accidentes, que a sua historia tem muitos capitulos.

Tambem em francês se dá o fenomeno principal que caracteriza o *n* português. A consoante comunica *ressonancia nasal* á vogal antecedente. Mas o influxo que sobre ela exerce é diverso. Basta lembrar-lhes vocabulos como *enfant inconnu pain mon un*, de um lado, e do outro *lã bem mim bom um*, para imediatamente reconhecerem que as vogais nasais-orais *ã ē ī ō ũ* são em português de mais puro valor alfabetico; mas em francês a nasalidade do seu timbre é mais forte, prolongavel e *cantabile*, por a oclusão ser maior. E os ditongos nasais, *ai ei ũi ãe õe ào* são privativamente portugueses. E privativamente portuguesa é a sorte de *n* medieval, interno.

Por esses motivos, mas não só por eles, não é provavel que a nasalção nacional provenha da francesa, seja fruto da maneira como p. ex. o Conde D. Henrique de Borgonha, pai de Afonso Henriques, e seus apaniguados, pronunciavam o francês arcaico e o neo latino lusitano. A meu vêr ha paralelismo, e não dependencia. E paralelismo só parcial.

*

O curioso contraste que ha em português entre o tratamento de *n* (e *l*) *final* e *n* (e *l*) *medial*, conservando-se o primeiro e desaparecendo o segundo — nas mesmas palavras — como *sol* (s.) e *soes* (pl.), deve provir da maneira como os Lusitanos separavam as silabas dos vocabulos latinos.

Só de *sóo* = *solu*; *cã* de *cãa* = *cana*; *mão* de *manu* etc.; a par de *sol* = *sole*; *pan* = *pane*; *sal* = *sale*; *ar* = *aere*; *mar* = *mare*; *quer* = *querit*; *fin* = *fine*; *mes* = *mense*; *faz* = *facet*; só se comprehende (eu pelo menos o comprehendo), supondo que os antigos ouviam e diziam — 1) *ar-e* — *mar-e*; 2) *sol-o* — *sol-e*; 3) *pan-e* — *man-u*; 4) *fin-e* — *mens-e* — *faç-e*. Consideravam, sentiam como final de silaba aquelas consoantes que na musica vocabular nacional estavam aptas a fechar vocabulos e silabas: *l n r s z x*. — As outras, não. Nomen p. ex. *deu no-me*; *na-pu* deu *na-bo* etc., etc.

*

Vamos considerar agora *n* (simples) em todas as suas funções. I. — *como inicial*; II. — *final*; III. — *medial simples*; IV. — *duplo, sempre interno*; V. — *agrupado*, e VI. — nos sufixos latinos *-ana -ane -anu -one*.

I. — *Inicial*. — Em harmonia com a regra geral, abstraída dos factos, que em Portugal principiamos com impeto, e afrouxamos no decurso e no fim — é que *n* inicial se conserva inalterado. Exemplos: *nau*, *neve*, *ninho*, *nó*, *nú*.

Raras vezes esse *n* é substituído por *l*. Só para efeitos dissimilatorios. Sendo secundario, p. ex., em *lembrar* por *nembrar* de *membrar* — memorare. O phenomeno oposto ha-o em *negalho* por *legalho* de *ligaculu*; e em *novelo* por *lovelo* *globellu*, deminutivo de *globulu*. *nivel*

II. — *Final*. — Resulta da queda do *e* surdo final (depois de *n*, como consoante que pode fechar silaba e palavra em português), principalmente em monossilabos, por causa da energia impetuosa com que se enuncia a *silaba inicial*, p. ex., em *pan* (arc. por *pane*, hoje *pão*); *ben* (*bene*); *fin*, *fine*; *ven* < *vene* *venit*; *tem* < *tene* *tenit* etc.; da queda das vogais finais 1) *-a*, 2) *-o*, 3) *-u* por sinizese com a mesma vogal anterior e tónica, isto é, em casos em que a nasalação fôra originariamente medial.

1) Com *ã* de *ãa*, temos *chã* — plana, *lã* — lana, *rã* — rana, *sã* — sana; *vã* — vana; *irmã* — *irmãa* — germana.

2) Com *õ* temos *bõ* de *bõo*; *dõ* de *donu*, por *dominu*: dois nomes que estando em regra em proclise perdem com a sua independencia o seu acento proprio, e por isso a silaba final. Ex.: *bon dia*; *don Antonio*, accidente que tambem succedeu a *belo* (*bel prazer*); *santo*, *San João*; *grande* (*Gran-Bretanha*); ao adverbio *muito* (*mui grande*); e aos substantivos *freire* (*frei João*); *fonte* (*Fonseca*); *monte* (*Monchique*); *ponte* (*Ponsul*); *vale* (*Val Formoso*); *castelo* (*Castel-rodrigo*); *Valmor*. Por analogia com *bom*, *dom* é que tambem *sõ* de *sonu*; *don* (*donu*) = *dádiva*; *tom* de *tõo* tonalidade, e o arcaico *trõo* abstraído de *troido tonitru* por *tonitru*, tiro de canhão e trovão. O processo de sinizese repete-se no interior de vocabulos polisilabicos. De medial, a ressonancia nasal, passa a final em *finda*; de *fĩ-i-da*; *vinda* de *venita*; *trindade* de *trĩ-i-tate*; *virgindade*; *cristandade* (*mortandade*, por *mortalidade*, é diverso).

3) Com *ũ* temos *um*, de *unu* por *ũn*, em proclise; e *algũ*, *nenhũ*, *comũ*. *Um*, ou antes o feminino *uma* em que a nasalação foi labializada pelo influxo da vogal labial *u*-, influem — a meu vêr — na maneira de representarmos graficamente a nasalação final. Ela é ou era representada de três modos: pelo simbolo til ~; pelo simbolo latino *n*; e pelo simbolo impro-

prio *m*. Esse, que é o mais tardio e surge no século XV, é posterior á evolução ou contemporaneo da evolução de *ũa* para *uma*. Esse numeral e artigo indefinido, muitissimo usado, levou trás si *non*, escrito *nom*, *razom* e as centenas de derivados em *-one* com grande facilidade, porque nos monossílabos *quem quam tam com* (cum) e *rem* (*ren*) a grafia latina se havia introduzido sobretudo nas prosas judiciais.

III. — *Medial*. — Entre vogais *n* traspassa a nasalação á vogal antecedente. E essas nasalações internas subsistiram entre vogais durante toda a época arcaica. Mas na linguagem classica tal nasalação desapareceu na pronuncia e na escrita. O *til* que a simbolizava falta por descuido em muitos manuscritos. Exemplos: *arêa avêa cêa fêo mēos mēor mēudo mōeda mão são rãa lãa* etc., etc.

a) A evaporação da ressonancia nasal deu-se por exemplo entre *o* e *e*, acentuado: em *moeda*, *coelho*, *moela*; *e-ô*: *teôr* (tenore), *joelho* (*gêolho*), *doestar* de *deostar* (de dehonestare); *o* e *a*: *perdoa* *dour meolo* (medulla) etc.; *u-a*: *lua*.

b) *Avêa arêa cêa frêo sêo* (sinu) passaram no século XV (de transição) a *avea area* etc. De 1500 em diante pronunciou-se *areia aveia freio seio*. Houve intercalação de um *i* eufónico, a qual se realiza ainda em muitos outros casos de hiato (*creio leio passeio rodeio* etc., *ceia receia* e por analogia *odeio*).

c) Em certos casos em que a intercalação do *i* provocava equívocos, os cultores ou paladinos da lingua preferiram reintegrar o *n* intervocalico latino. *Fêo*, de foenu, evoluicionando a *feo* e em seguida o *feio*, colidia com o adjectivo *feo feio* de foedu. Por isso os classicos reconduziram-no a plena forma latina *feno*. *Mêos* de minus, evoluicionando para *meos meios*, colidia com *meios* de medios. Por isso dizemos *menos*. *Pêa* de poena, evoluicionando para *peia*, colidia com *peia pedica*.

d) *ĩ-i* dá *ĩ* em *finda vinda trindade* etc., como já registei; *ẽ-e* dá *ẽ* p. ex. em *benzer* de *bẽ-e-(di)zer*.

e) Se duas vogais aproximadas pela evolução do *n* são capazes de formar ditongo nasal, esse surge transformando vocabulos graves de duas sílabas em agudas de uma só: *não*, *são*, *chão*, *cão* (canu), *põe*, — *pone*, *razões*, etc.; deve-se tratar juntamente com *ão* de *anu*; *ã* de *ana*; *ães* de *anes*; *õ* de *one*; *ões* de *ones*.

f) Se *n* medial nasalou a vogal *i*, a ressonância não desaparece. Pelo contrario robustece-se. Torna-se nasal-palatal. *Pĩ-o* de pinu dá *pinho*; *vĩ-o* de vinu dá *vinho*; *lĩ-o* de linu dá *linho*; *não* por *ni-o* (com nasalação que é um eco de *n* inicial) dá *ninho*. Cf. *dinheiro adivinhar endemoninhar louvaminheiro*, etc. Em três formas verbais a dificuldade da pronuncia *ẽ*, e de *ũ*, antes da vogal gutural *a*, alterou-lhes mesmo a *alma*, o acento. *Tenia* por *tenebat* é hoje *tinha*; *veniba* por *veniebat* é *vinha* e *ponia* por *ponebat* é *punha*. A vogal palatal palatizou a nasalação.

g) A labialização provocada por *u* de *ũa algũa neũa* hoje *uma alguma nenhuma* levou o vulgo do Norte, na Galiza de *aquem* e *alem* Minho, a pronunciar *luma* e *jejumar* (ou com aferese de *je* simplesmente *jumar* e *debrumar*).

h) Em *Janeiro janela manada* temos *n* entre vogais. Mas tivemos a principio *n* protegido por *u*: *janveiro janvela manvada*. Cf. *antigo cardo* e sobretudo *contino*. Em *mano mana*, formas hipocorísticas equivalentes a *irmão irmã* (germana) talvez tenhamos castelhanismos? arcaicas, perdidas, porque hoje não me consta que se usem.

IV. — *N duplo*. — Conserva-se, simplificado embora. P. ex. em *ano pano cana*. Em formas como *dano sono outono, nn* era secundario, assimilação de *mn*.

V. — *N agrupado*. — Ha que distinguir entre grupos proprios e grupos improprios. Grupos em que ha 1) na mesma sílaba uma explosiva *k t p* ou *g d b* ou a continua *l* e ligado a ela precedendo-a *n*; em outros casos *l r s*, e 2) casos em que *n*, ocupando tambem o primeiro lugar, pertence a uma sílaba diversa.

Exemplo de grupos proprios: é *gn*: *punho* de *pugnu*; *anho* de *agnu*; *tamanho*, tam *magnu*; *camanho* = quam *magnu*; *lenha* = ligna; *senha* signa; *conhocer* (hoje *conhecer*) = cognoscere; *cunhado* = cognatus.

Não populares e de introdução posterior são *dino* = *dignu*; *reino* = *regnu*; *Inês* de *Einês* e *Inacio*; *Dignu* tem por verdadeiro representante popular a forma *denho* em *desdenho*.

Os grupos improprios mais freqüentes são *nt nd*; *nc ng*; *np nb* escrito sempre *mp mb*, porque a labial torna homorganica a nasal. Além disso ha: *mn ns nr rn*.

nt primario mantém-se em *monte fonte ponte gente mente*;

secundario, e proveniente de um grupo de três, subsiste também em *contare comp'ture*.

nd primario temo-lo em *vender grande onde onda mundo funao redondo*; secundario p. ex. em *conde de com'te*; *senda de semita*; *bondade de bonitate*.

nc é primario em *junco manco anco* e em *monco*, porque em latim pop. já se dizia *muncu* em vez de *mucu*. Secundario p. ex. em *mango manga*. Cf. *Franco frango*. Sempre antes de *a o u*. Segundo a evolução geral, *k* palatiza-se antes de *e i*, p. ex. em *tanger vencer ranço*.

ng primario existe em *longo* (cf. *lôge*); secundario em *domingo dominicu*; *vingo vindico*, reduzido a *j* em *tanger cingir*; *ranger tingir* etc.

ns latino passa a simples *s* por assimilação, p. ex. *mesa mensa*; *mês mense*; *preso preensa*; *esposo sponsu*; *pesar pensare*; *defesa devesa* = *defensa*; *mostrar monstrare* etc.

De difficillima explicação é *ilha* de *insula*, que também deu *insoa* (em vez de *isoa*); *n* caiu no ital. *ischia* de *inscla*, com introdução de *k* por analogia com os inumeros deminutivos em *clu cla*, o caiu no cast. *isla* e franc. *isle* hoje *île*. Com o port. *ilha* concorda o catalanescos *illa* por *ilha*.

nr permanece em *tenro* e *genro*.

rn em *terno* e *perna carne torno*.

nv conserva-se em *enviar inveja convidar envidar*.

VI. — Sufixos, cuja consoante de apoio fôra *n*: (-*ana* -*anu* -*ane* -*one* são nominais, -*ant* -*ent* -*unt* verbais); e temas como *ranu vanu sanu planu granu manu cane pane* tiveram uma evolução curiosa: *fonetica* no periodo arcaico; *analogica* na época de transição, visto que -*ã* proveniente de -*ane*, e -*ant*, e -*ô* provenientes de -*one* e -*unt* passaram de simples nasais orais a ditongos nasais em -*ão*. Esses monossilabos, pronunciados talvez grosseiramente, soavam aos ouvidos de estrangeiros como ladrar de cães, e provocavam por isso censuras e ironias conhecidas de ha muito, e ha pouco catalogadas por Agostinho de Campos nos seus *Paladinos da Linguagem*. Eu acho que, privativa e caracteristicamente portugueses, são uma nota agradável na musica da lingua — quando usados com discreção — e compreendo que se substituíssem, por mais sonoros a -*on* e -*un*, que me parecem muito mais rudes, bruscos por *oxitonicos*.

Quanto a -*ana*, já mostrei que, pronunciado *â a*, passou

a *a-ã* pela contração ou sinizese da vogal atona com a tónica, nasaladas tanto em *lã chã rã sã*, como em *vilã-a irmã-a*.

Quanto a *-anu*, tanto em temas como *mã-o*, *grã-o*, como nos masculinos dos adjectivos em *-ana-*, *vilã-o irmã-o anã-o* etc., ele passou de *bissilabico* a *monossilabico*.

-ane deu *ã*, grafado também *an* (e no século XV *am*), tanto onde pertence ao tema, como em *cã* de cane, *pã* de pane, como em raros nomes em que é sufixo (*ermitan escrivan guardian capelan gavian cidadan labelan*), proveniente da declinação germanica de nomes próprios como *Witiza Witizanem*, *Cintila Cintilanem*, *Wamba Wambanem*, imitada pelo vulgo latino em nomes comuns como *barba barbanem* e no tempo neo latino em *amila amitanem*, formações como as que citei. Cf. *alemã*, *catalã*.

Os numerosísimos vocabulos que tiveram a terminação *-o -onis*, *-io -ionis* em latim (na 3.^a declinação) tinham o sufixo afixado directamente a raízes verbais, como em *legio regio* de *legere regere*; ou a raízes nominais, como em *leo patro latro*; ou a temas participiais de verbos fortes em *-tus* e *-sus*, como *cautione*, *lectione*, *occasione*, *fusione* (de *cantus lectus occasus fusus*), quer a participios fracos em *-atus -itus -utus*, verbi gratia em *consolatione*, *punitione*, *resolutione*.

A par do simples *on* tivemos por isso em português os sufixos compostos *-açon -içon -uçon* em nomes femininos que indicam acção em abstracto, e são portanto equivalentes de infinitivos substantivados; ou indicam os resultados concretos da acção, sendo então equivalentes de vocabulos em *-mento* ou *-ura*, p. ex. *lig-açon* = *ligamento* *ligadura*.

O grupo é grande, enorme. Em teoria existem tantos nomes em *-ação* como ha verbos em *ar*. Além disso avulta com os masculinos tematicos em *on*, com *leão ladrão padrao pregão*; aumentativos em simples *-on* (*caixão cadeirão*), ou em *-agão -arrão -eirão* (*rapagão homenzarrão vozeirão*); e nomes próprios de diversas proveniências: hebraicas como *Aarão*, *Abraão*; germanicos como *Beltrão*.

-ant dera *ã*: em *amam* = *amant*, *amavam* = *amabant*, *amáram* = *amaverant*, e também *amarâm* (futuro) = *amare habent*, etc.

-unt dera *õ* p. ex. em *son sunt*, *fezeron fecerunt* etc.

Desse modo a linguagem arcaica — até 1350, e a de transição — até em 1500 começar o periodo moderno, possuía portanto numerosísimos termos em *-ã* e *-õ -ũ*. Termos de ritmo

agudo, em contraste notavel com o ritmo grave predominante da lingua, de som brusco e rude.

Nas poesias trovadorescas as rimas são em regra masculinas, agudas, oxitónicas; — graves só por excepção. Ai está, a meu vêr, a origem da substituição de -ã e -õ por ão, que por constar de duas vogais, ã tónico e õ atono, foi bissilabico grave a principio, e continua a ter character bissilabico — deve tê-lo na pronuncia cuidada, a meu vêr. Não é evolução fonetica, material. É fenomeno analogico, estetico, imaterial.

Foram os poetas do *Cancioneiro Geral* da segunda época da poesia portugueza, — isto é daquela em que o país vizinho actuou na arte palaciana, e muitos palacianos poetaram em castelhano (desde o Condestavel) — que transformaram os vocabulos em ã e õ (não os graves como *rã cã lã* de *rãa cãa lãa* etc.) em outros tantos em ão. Essa evolução e outras da mesma época (p. ex. a redução de -ades -edes -ides primeiro e aes ees iis e em seguida a ais eis is) talvez começasse quando com D. João I e Felipe de Lencastre e depois com os inclitos Infantes, *gente nova*, e em parte *estrangeira*, veio a ocupar logares de destaque na côrte e nos postos sociais superiores, levando os seus modos de dizer, anteriormente desusados, aos paços reais.

Quanto aos suffixos cujo ponto de apoio era -n-, o estado de hoje, em que ha confusões — após seculos — autoriza-nos a supôr houvesse confusões na complicada distincção entre -õ com o plural -ões, -ã com o plural -ans, -ã com o plural -ãas, -ão com o plural -ãos.

Os plurais arcaicos — mais provimos dos modelos latinos e dos paralelos castelhanos — estavam originariamente em harmonia absoluta com a vogal tónica do singular.

De -ana -anas saíram ã e ans, p. ex. em *irmã* e *irmãs*; *hermana* *hermanas*.

De -anu anus saíram ão e ãos p. ex. em *mão* *mãos*; *vilão* *vilões*; *villano* *villanos*.

De -ane -anes saíram -ã e -ães, *capelã* *capelães*; *escrivan* *escrivães*. Em castelhano preferiram a forma analogica *escribano* *escribanos*; quanto a *capelã*, hesitaram, dizendo *capellan* *capellano*.

De -one -ones saíram *razão* *razões*.

Os ultimos, numerosissimos, foram analogicamente transformados em *razão* *coração* *tenção* etc. Quanto a plurais hesitou-se sobretudo quanto a *ães*, mas tambem quanto a *ãos*, suffixo.

As hesitações manifestam-se sobretudo nos monumentos poeticos da epoca de transição — no *Cancioneiro Geral*, que abrange obras de seis decénios (1450 a 1516). A ortografia deficientissima, caotica, muito hesitante, dificulta a investigação, mas as rimas revelam o desejo de empregar termos graves ou semi-graves em vez dos agudos do primeiro periodo. Elas, as consonancias, são o fio condutor no labirinto das grafias.

Eis em duas palavras o que se apura.

A terminação -õ (-on -om, como já então se escrevia) desaparecera por completo.

Facto importante — visto que nas prosas, p. ex. do *Leal Conselheiro* del-Rei D. Duarte, composto antes de 1438, ela subsiste, tanto em substantivos como *razom coração*, como no adverbio *nom* e no verbo *som*. No Cap. 44, p. ex., ha os exemplos seguintes: *obrigaçom tençom coração razon copreyssom afeição delleitação meenção saluaçom conversaçom determinaçom prisom nom e ssom*.

O sufixo -õ entremeteu-se mesmo indevidamente em verbos da 1.^a conjugação, substituindo *deseiõ deseiom peensom partyrom*. É difficil ou impossivel dizer se realmente pronunciavam assim, ou se se trata apenas de erros graficos — julgo todavia poder abstrair d'elles que *am* e *om* começavam a fundir-se.

Pois bem, no *Cancioneiro* o primitivo -õ é representado ora por -am, — mesmo em *non*, grafado *nam* (I 209) e *son*, grafado *ssam* (I 53), e mais vezes onde é sufixo, p. ex. em *tençam* (I 503), *rezam* (I 470), *payxam* (I 12). Ha mesmo *vam*, como adj., masc. *vanu* (II 457 e 458), e até *mam* em vez de *mão* (II 517). Ora temos -ão: não somente onde representa -anu, mas onde representa -one: por ex. em *melão* (I 23) *altrecação* e *tenção* (I 3).

Em segundo lugar aparecem formas em -ão: etimologicamente correctas que rimam entre si: *mãos vãos* (I 29): *serão irmão* (I 27); *mão vão* (= vadunt) e *cortesão* (60); *mão corte-são* (81); mas tambem em rima com vocabulos em -ã (*am*): *mão Joham* (II 256); *verão capitam* (II 298). E igualmente em rima com *om* etimologico: p. ex. *mão coração*, grafado *coraçam* (II 45).

Em terceiro lugar formas com -ã etimologico proveniente de -ane ou de ant rimam entre si (I 37: *dam escri-vam*); mas rimam tambem, como mostrei, com -ã e com -õ:

I 97 *cam* = cane e coraçam; I 23 *melão* (isto é, *melom*) com *pam* pane.

Em quarto lugar vê-se que nas formas verbais prevalece *-am*, não só onde a sílaba é atona: I 8 *perderam morreram*; mas também nos futuros, onde é tónica: I 53 *doeram* em rima com *payxam* e *sam* (*sunt*); I 102 *veram serviram conheceram*. Mas em ambos os casos também se encontra *-ão*: I 9 *morre-rão ensandecerão perderão* (perf.); I 89 *poderão darão* (fut.) em rima com *payxam*.

Ao todo: predilecção pelo ditongo nasal *-ão*.

Nos verbos, a escrita e pronúncia *-am*, em sílaba atona, manteve-se e, a meu ver, deve manter-se, por causa das formas correspondentes da 2.^a e 3.^a conjugação: *sentem ouvem*. Para o meu ouvido ha também diferença entre *amáram* e *amarão*: nasal oral nas formas atonas e ditongo nasal nas tónicas.

Quanto aos plurais dos nomes, eles se conservaram em regra inalterados, dando indicio do estado arcaico do singular: *-ãos* é plural de *-ão*; *-ãs* de *-ã* (*-ãa*); *-ães* é plural de *-ã* *-ane* (*escrivã*, etc.); *-ões* de *-one*, forma radical da qual saem naturalmente os derivados em: *-oar* (*afeiçoar abotoar abençoar*), *-oavel* (*razoavel*), *-oeiro* (*carvoeiro*), *-oeira* (*carvoeira*), *-oaria* (*cordoaria carvoaria*), *-oalha* (*cordoalha*), *-oal* (*meloal*), *-oíce* (*ladroíce gargantoíce*), *-oa* (*pavoa leitoa Brandoa*).

Ainda assim, houve no século XVI a tendencia de abolir os plurais, em *-ães* e *-ãos*, por estarem na memoria, por outros em *-ões*, mesmo em casos onde derivados com *a* lembravam as origens, p. ex. em *vilões* por *vilãos*, de que eram parentes *vilania vilanagem avilunar*. Todavia essa tendencia analogizante não foi capaz de extirpar de todo os plurais em *-ães* e *-ãos*.

Camões empregou *verões* (V 15). Todos nós dizemos *serões* (com a variante divergente *saraos*). De *aldeão ancião anão cidadão hortelão vilão sôlão truão rifão* são hoje mais usados os plurais *aldeões anciões anões* (*anõezinhos*) *vilões sôtões truões rifões* do que os antigos correctos e por isso preferiveis *aldeãos anãos vilãos sôlãos, truães refrães* (*refranes*). Subsistem *capitães escrivães capelães alemães catalães*. Ha mesmo formas analogicas como *deães* de *deão* e no periodo arcaico *deanu* de *decanu*. E existem *órgãos órfãos rábãos cortesãos pagãos* etc.

O analogico *bênção* é muito usado.

Só brincando dizemos: estas *mões*, e uma *alamoa*.

Num Folhetim do *Comercio do Porto* li outro dia *corrimões*, em lugar de *corrimãos* (corre-mãos) e *artêsões* em vez de *artesaos*.

Entre as formações latinas em *-ō -onis*, sobre tudo entre as femininas, tiradas de raizes verbais fortes, com ajuda da semi-vogal *i*, ha muitas, cujos representantes portuguezes são curiosos, porque a semi-vogal actuou revolucionariamente e de modo muito variado nos modelos, conforme o character da consoante ou das consoantes que a precediam.

Podem-se distinguir os grupos seguintes:

- 1) *razão sação* de *ratione satione*.
- 2) *ração estação* do mesmo *ratione* e *statione*, *feição dição lição eleição poção moção noção lição traição devoção punção menção tenção* etc.
- 3) *lesão laesione*; *visão visione*; *prisão preensione*; *fusão fusione*; *divisão divisione*.
- 4) *missão scissão procissão promissão pressão cessão*.
- 5) *questão gestão congestão combustão*.
- 6) *cajão* < *occasione*; *aleijão* < *laesione* (*abujão*, *bijão* no 1.º periodo).
- 7) *comichão* por *comischão* < *comestione*; *cachão* por *cochão* < *coctione*.
- 8) *paixão* < *passione*; *puxão* < *pulsione*. Todos eles populares. Cultos ou semi-cultos são:
- 9) *fricção fracção acção facção secção opção cocção*.
- 10) *opinião união reunião religião rebelião região legião occasião*.
- 11) Vindos de fora, tendo mudado de genero, temos o arcaico *maison* (casa de Ordem) e o castelhanismo *meson* (ambos de *mansiones*); e *tosão* (o de oiro) de *tonsione*, fr. *toison*.

Entre os populares nacionalizados havia mudado de genero *cajão* — de *occasione* (porque o vulgo considerou o *o* inicial como artigo) e *avejão* por *abujão* (*abusione*), como se fosse uma ave grande; assim mesmo *aleijão* e *puxão*.

Quanto a *-atione -itione -utione*, o francês, o italiano e o castelhano possuem esses sufixos em duas formas: uma popular e outra livresca, mas tambem bastante popularizada, em todos os sentidos.

Em França ha *-aison* (*venaison* de *venatione*, caça); e

-içon: *nourriçon* (m.) de um lado, e do outro lado -ation -ition
-ution: *narration punition résolution*.

Na Italia ha -agione (*ragione stagione*) e -azione (*popolazione*).

Em Hespanha ha -azon e -acion: *armazon consolacion*.
Nas formas livrescas a semi-vogal *i*- subsiste.

Só em português é que mesmo nas formas livrescas houve fusão do *i*- com -t assibilado, com pouquíssimas excepções. É um dos muitos traços democraticos que caracterizam o idioma desta praia ocidental lusitana.

IV

O supletivismo nas linguas romanicas e em especial em português

Como termo tecnico linguistico, *supletivismo* é moderno. O fenomeno por ele designado é, pelo contrario, antiquissimo. Existe desde que ha linguas indo-germanicas. Em Portugal foi F. A. Coelho, sempre disposto a introduzir as ultimas descobertas das sciencias que cultivava, quem o introduziu e empregou ás vezes nos derradeiros lustros da sua actividade na aula Romanistica da Universidade de Lisboa.

Lá fora o termo fôra criado por um dos Glotologos que com mais sciencia e consciencia se occupam de estudos indo-germanicos comparados: Hermann Osthoff. Esse publicou em 1900, em Heidelberg, um tratado em forma de conferencia: *Vom Suppletivwesen der indogermanischen Sprachen: dos processos supletivos das linguas indo-germanicas*. Nele tenta explicar como elas procediam quando por razões quer fisiologicas, quer psicologicas, certos nomes e certos verbos não eram usados em todas as formas que, segundo o sistema geral ou os traços privativos de cada uma das linguas, *teoricamente* poderiam ter existido.

Supletivismo, de *supletivo*, claro que deriva de *suppletus*, adjectivos participial, tirado de *suppleo supplevi supplere* = suprir = completar. Derivado portanto da raiz *ple-*, contida em *plenus*, *completus*, etc. Por isso *supletivismo* é o fenomeno que consiste em se recorrer em paradigmas incompletos, defectivos, a formas de radicais, diversos do primario e fundamental da familia, afim de assim preencher as *lacunas* e *falhas*.